



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes — CCHLA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

O CARÁTER LÚDICO E REGIONALISTA DA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS

ROGÊNIO DA COSTA BARBOSA

Orientador:

Expedito Ferraz Júnior

João Pessoa/PB
2024

ROGÊNIO DA COSTA BARBOSA

O caráter lúdico e regionalista da poética de Manoel de Barros

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito para
obtenção de título de licenciatura em
Letras pela Universidade Federal da
Paraíba.

Orientador: Expedito Ferraz Júnior

João Pessoa/PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B238c Barbosa, Rogenio da Costa.
O caráter lúdico e regionalista da poética de Manoel
de Barros / Rogenio da Costa Barbosa. - João Pessoa,
2024.
16 f.

Orientador: Expedito Ferraz Júnior.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

1. Lúdico. 2. Mundo-acidente. 3. Poesia. 4. Estética
literária. I. Júnior, Expedito Ferraz. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-1

Dedicatória

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, à minha mãe, que foi quem me ensinou a gostar de poesia, contudo, não posso me esquecer de dedicá-lo também à minha amiga Ester, que me mostrou que seria possível realizá-lo. Devo a vocês estes passos a mais em minha jornada. Que fique assim registrado.

Agradecimentos

Agradeço antes de tudo a Deus, por ter me permitido chegar até aqui, não poderia deixar de reconhecer a paciência, esforços e bondade de algumas pessoas que acreditaram ser possível a realização deste trabalho, dentre elas, meu professor e mestre Expedito Ferraz Júnior, que aceitou com alegria orientar-me nesta jornada, também sou grato à Marla, minha querida esposa, à minha amiga Delma pelo apoio do qual não pude prescindir, e, em especial, à minha amiga Ester, que abriu mão de seu precioso tempo para auxiliar-me na elaboração deste trabalho, e a minha gratidão também se estende a duas pessoas que considero especiais pelo grande incentivo que me deram, sem o estímulo de vocês, eu não teria realizado este feito, refiro-me aos amigos Humberto Borges e Dienieires, agradeço ainda a todos os demais professores e colegas que, em diferentes momentos, contribuíram para o meu sucesso, sem vocês, nada disso seria possível. Muitíssimo obrigado por terem acreditado. Não tenho palavras para expressar minha imensa gratidão a cada um de vocês.

Resumo

Este trabalho aborda a relação entre a poesia de Manoel de Barros e o ambiente natural do Pantanal. Destaca-se a importância dos elementos tradicionais, memórias de infância; a experiências sensoriais locais na construção da identidade do poeta; e a utilização de neologismos e jogos de palavras nas obras do poeta. Observa-se que a natureza não é apenas um cenário para suas lembranças, mas parte essencial da identidade do autor, que se identifica com o ambiente pantaneiro. Assim, sua obra não apenas expressa uma conexão íntima com a natureza, mas também explora sua própria identidade. Manoel de Barros expressa essa identificação com a biodiversidade através do uso inventivo da linguagem, desafiando convenções literárias tradicionais. Essa manipulação da linguagem, caracterizada por neologismos e jogos de palavras, não apenas reflete a originalidade e a inventividade do poeta, como também sua profunda conexão com a natureza e sua busca por uma expressão autêntica e sensorial.

Abstract

This work addresses the relationship between the poetry of Manoel de Barros and the natural environment of the Pantanal. It highlights the importance of traditional elements, childhood memories, local sensory experiences in shaping the poet's identity, and the use of neologisms and wordplay in the poet's works. It is observed that nature is not just a backdrop for his memories but an essential part of the author's identity, who identifies with the Pantanal environment. Thus, his work not only expresses an intimate connection with nature but also explores his own identity. Manoel de Barros expresses this identification with biodiversity through the inventive use of language, challenging traditional literary conventions. This manipulation of language, characterized by neologisms and wordplay, not only reflects the poet's originality and inventiveness as also his deep connection with nature and his quest for authentic and sensory expression.

Palavras-chave: Lúdico, Mundo-acidente, Poesia, Estética literária

SUMÁRIO

Introdução	pág. 7
Capítulo 1: <i>Jogar com as palavras no meu quintal</i>	pág. 9
Capítulo 2: <i>A fruição em Manoel de Barros</i>	pág. 18
Capítulo 3: <i>Memórias construídas no Pantanal</i>	pág. 23
Conclusão	pág. 28
Referência Bibliografia	pág. 30

INTRODUÇÃO

Na abordagem do quanto da infância do poeta está em sua obra, percebemos na poesia de Manoel de Barros elementos que apresentam ao leitor uma espécie de idílio, mantido desde os primórdios de sua infância, à semelhança de um menino encantado com a exuberância da fauna e da flora de sua terra natal. O lúdico está na construção do novo, na utilização de termos simples, incorporando a dinâmica do brincar ao o mundo e seus sentidos como uma criança que inova testando novos modos de ser.

O regionalismo na obra de Manoel de Barros é engajado na defesa do Pantanal e das pequenas coisas insignificantes, revelando o conflito entre o campo (Pantanal, origem do poeta) e a cidade (Rio de Janeiro, onde ele vive e estuda). A partir da solução do conflito define-se um lugar inédito, construído e estruturado mitologicamente à realidade, no qual o autor é também o mito de si próprio.

Uma característica muito presente na obra de Manoel de Barros é sua maneira que o poeta usa para construir e conduzir o eu-lírico pelos recônditos da infância, emprestando-lhe diferentes modos de percepção que se traduzem em deslumbres para o leitor. Daí o prazer, daí a fruição daí o lúdico, ou seja, da mesma maneira que temos o autor brincando com as palavras quando da elaboração de seus poemas, temos também o leitor que se depara com o desafio de compreender e desvendar significados, e assim, imerso nesse jogo de tentar decifrar possíveis enigmas, ele adentra um caleidoscópio de imagens, sons, cores, brilho, cheiros e toda sorte de encantos.

Em sua poesia, a riqueza de rios, pedras, rãs, pássaros e bichos de um modo geral revelam o olhar da criança sobre o mundo, de uma infância que faz parte da própria criação. Essa infância está na própria morfologia do poeta que cria o termo “Natência” no *Livro das Ignorâncias* para descrever a potência de fazer nascimentos, da participação como espectador e coadjuvante da criação das formas e dos objetos do mundo. Como o próprio autor diz: “Criar começa na própria ignorância. É preciso ignorar para fazer nascimentos. Poesia é sempre um refazer, um transfazer o mundo (BARROS, 1993).”

Ao observarmos tais elementos como fontes de inspiração, nos deparamos com a possibilidade de percebermos, em cada verso ou estrofe de sua poesia, uma imersão a recônditos de uma infância de interação com a terra, com as árvores e com a amplidão, e somos levados a experimentar; por meio da leitura, o universo onírico criado pelo poeta.

Quando descreve cada evento e os seres ou objetos protagonistas destes eventos, Barros desperta no leitor, memórias até então adormecidas, e estas memórias são fotográficas,

olfativas, auditivas, táteis e até gustativas, como se Manoel de Barros trouxesse à nossa presença, aquilo que pretende nos apresentar.

E, fazendo uso de licenças poéticas, cria neologismos que torna sua poesia mais bela, mais palatável e, por extensão, mais compreensível, isso porque, conforme Antonio Candido: “Quando apreendemos pela sensibilidade o ritmo geral de uma poesia, apreendemos no todo a sua beleza própria. Esclarecer esta intuição pelo conhecimento é a tarefa da interpretação (1996, p.19).”

Brincar com o mundo é a principal lição que se pode obter de sua literatura. O lúdico é despretenso, ele salta entre os elementos poéticos conferindo solidez aos passos da criança brincalhona, que se mantém firme na fluidez da sua própria descoberta das coisas. Em Manoel de Barros; descobrir é experimentar “o mesmo” de modos diferentes e com isso inventar objetos poéticos que fogem à razão, mas que não perderam seu sentido dentro do cenário poético. Um verso dialoga com o outro em um ritmo próprio do autor, os trechos de sua poesia se conectam formando uma constelação cujo significado, aparentemente despretenso, provoca no leitor sua sensibilidade.

A imprevisibilidade é uma presença constante na obra de Barros, uma vez que não sabemos com que o poeta irá nos surpreender em cada um de seus versos. Ele pinta com palavras o mundo à sua volta, evocando para si o ofício de testemunhar a natureza e descrevê-la à sua maneira, e assim, temos diante de nós a assimetria que resulta em perfeição.

No primeiro capítulo do meu trabalho, é abordado o brincar com o “ser” no objeto da linguagem que mostra como em seus versos soltos, despretenso e aleatórios Manoel de Barros permite a descoberta de novos sentidos nas palavras.

No segundo capítulo é abordado o fruir e como a vivência do autor no mundo tinge sua poesia, como a natureza, as matas e os bichos dão luz à sua obra e sua experiência imediata com o mundo.

No terceiro capítulo é abordado o regionalismo que perpassa toda a obra do poeta, e como essa característica dá cores às suas memórias, apresentando o eu-lírico construído e consolidado a partir de sua infância e vida no Pantanal.

CAPÍTULO 1

JOGAR COM AS PALAVRAS NO MEU QUINTAL

“Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.” (BARROS, 2015)

Dar-se conta do mundo, para os fenomenólogos é mais do que um processo simples de consciência, é olhar para as partes contra o fundo das totalidades e na multiplicidade de cada identidade existente (SOKOLOWSKI, 2014). Nessa dinâmica, perceber o mundo é captar as características fundamentais dos objetos acessando estruturas essencialmente significativas nelas. Na poética de Manoel de Barros nos deparamos com essa ênfase que resulta do ato de olhar para o mundo com maior acuidade e delicadeza. O autor, como que no exercício de metamorfosear o mundo à sua volta, dá vida e importância às coisas que compõem o seu universo, ou cada elemento que integra a natureza na qual o poeta está inserido.

Para Sokolowski (2014) essa dinâmica de consciência do eu com o mundo envolve ver um mundo em suas identidades isoladas temporariamente, trazer à consciência a existência dos objetos do mundo, analisar suas partes e notar as nuances entre o ser e o não ser na totalidade da qual elas participam. Por exemplo, uma pedra é uma identidade, é a identidade de ser uma pedra, mas existem muitas pedras, por vezes pedras diferentes entre si, que, no entanto, não participam do mesmo conjunto que é “ser” pedra.

O milagre e o mundo-acidente mencionados por Flusser (2008) consiste no fato de que o mundo possui uma pluralidade de objetos coexistindo como uma totalidade, essa totalidade pode ser compreendida como o mundo em si. Nele há pedras parecidas e pedras diferentes, nele há palavras que criam sentido e outras que desfazem os sentidos esperados, há as surpresas e o mundo virado ao avesso, o mundo-acidente que nos leva ao conhecimento de uma existência completamente nova ou diferente daquela já conhecida, e o milagre é que o novo pode produzir uma experiência rica em imaginação, em descoberta do ser individual, de cada particularidade trabalhada no texto e experimentada no olhar lançado à vida.

Na fenomenologia existe também a ideia de uma suspensão do juízo crítico que é muito presente no fazer poético. Antonio Candido (2000), aborda a interação entre a produção literária e o contexto social no qual ela emerge. Uma das questões centrais discutidas é a suspensão do juízo crítico por parte do poeta durante o processo criativo. Candido argumenta que o poeta, ao se dedicar à criação poética, muitas vezes deixa de lado considerações críticas imediatas e mergulha em um estado de imaginação e expressão pura, no qual a sensibilidade e a intuição predominam sobre a análise racional.

Essa ocasional suspensão do juízo crítico permite ao poeta explorar livremente sua imaginação e dar vazão às emoções e percepções mais profundas, sem as restrições impostas pelo pensamento analítico. Nesse estado de liberdade criativa, o poeta pode acessar camadas mais profundas da experiência humana e dar voz a sentimentos e reflexões que escapam à compreensão imediata.

Essa perspectiva de Candido ressalta a importância da subjetividade e da expressão individual na poesia, ao mesmo tempo em que reconhece a influência do contexto social e cultural na formação do poeta e na produção de sua obra. Ao suspender o juízo crítico, o poeta pode se conectar de forma mais autêntica com sua própria experiência e com as experiências compartilhadas pela comunidade, criando assim obras que impressionam o leitor de maneira profunda e significativa.

Nossa admiração pelo mundo que nos cerca vira ao contrário, se, de repente, nos perguntamos: “e se o mundo fosse diferente, como seria?”. A complexidade admirável desses fios que atam o sentido das coisas formando um colar de pedrinhas roladas que poderiam ser chamadas de “*calculus*”¹ mas que representam cada uma um conceito que soma ou subtrai, e por vezes até se multiplica na presença de outro conceito. Os objetos do mundo coexistem, e nós, à nossa maneira, os ajustamos para mais ou para menos conforme nossa fruição² e criamos assim, novos significados.

O ato de brincar é o ato de embarçar os fios do colar, não para que venha perder o sentido, o que Flusser (2008) chama de cair no zero-dimensional - um espaço sem sentido, um abismo - mas para que seja possível deslizar na superfície frágil das codificações criando novos sentidos, executando o que Manoel de Barros chamou de Natência - fazer nascimentos, transferir o mundo.

¹ Trocadilho feito por Vilém Flusser (2008, p 29). De acordo com o dicionário Aurélio, “*calculus*” vem do latim e significa Pedra ou Pedrinha, “pedra pequena”. Era usado para contar preço e ensinar crianças a contarem.

² Uma das dimensões do conhecimento pela BNCC. Diz respeito à sensibilidade ao participar de práticas artísticas e culturais das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais. Essas experiências podem gerar prazer e estranhamento, entre outras tantas sensações.

O mundo, porém, não é destituído de propósitos, como a própria poesia de Manoel de Barros demonstra, há uma lógica, uma inteligência que faz com que, por exemplo, em um de seus poemas que tem como título “*O menino e o córrego*”, onde o autor revela que o córrego tem cheiro de estrelas e que os peixes têm raízes na terra. A água por sua vez é o espelho do céu, e só é possível sentir o cheiro de algo que está fisicamente próximo, quando cheiramos, inalamos, trazemos para perto, para dentro de nós, o céu se torna a força da vida. O autor quando fala que o peixe tem raízes na terra pode estar se referindo ao fato de esses seres estarem mais próximos ao chão. Há em sua poesia uma linha tênue entre a formação de um novo vislumbre do mundo e o nonsense, apenas o cálculo do que se pode fazer com os objetos, isto é, o tipo de malabarismo que ocorre no mundo e que é capaz de produzir entendimento.

O jogador é matemático, ele conhece intimamente cada pedrinha rolada do colar, ele sabe o que é o mar, o que é o rio, a casa, o fruto. Ele conhece as estrelas, a noite, o dia, a mata, o cacto, o canto, ele conhece o mundo e seus elementos e brinca com eles, joga a pedrinha de um lado para o outro pelo prazer de criar. Não cria ao acaso, ele sabe quando e onde rolar a pedra conceitual, ele é superior aos eventos da vida, ele provoca o evento.

Tal dimensão do relacionamento com a vida também é vista na filosofia de Schopenhauer (2014) quando ele compara a vida a jogos de cartas, alegando que no jogo aproveita-se inteligentemente das circunstâncias invariáveis estabelecidas pelo azar, (das cartas, no caso) a fim de extrair delas, o máximo possível. A pessoa quando adota essa postura de co-criador da realidade, de inventor do já existente, pensa o mundo do “lado de fora” do mundo, dos códigos linguísticos (FLUSSER, 2008), transcendendo ao significado puro de cada elemento despido do juízo crítico (HUSSERL, 1989), podendo assim jogar com o que lhe é dado por esse mundo.

Apenas tal homem será capaz de desfrutar do mundo completamente, pois é o único que pode compreender a obra da vida e senti-las, em sua plenitude. Schopenhauer afirma que:

Objetos dignos e interessantes ocupam-no assim que tiver a liberdade para devotar-se a eles, carregando dentro de si um manancial dos prazeres mais nobres. O estímulo exterior lhe vem das obras da natureza e da contemplação da atividade humana. (SCHOPENHAUER, 2014)

O jogo que Manoel de Barros realiza se apropria das virtualidades da língua em um jogo desinteressado, que só seria possível para aquele que consegue compreender as fontes externas de felicidade como extremamente incertas, fugidias e sujeitas a mudança, como é o caso das

...coisas que não pretendem, como pedras que cheiram água, homens que atravessam períodos de árvore”, “tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não pode vender no mercado”, “as coisas jogadas fora têm grande importância – como um homem jogado fora”, “as coisas sem importância”, “o osso da ostra, a noite da ostra” (BARROS, 2005a: 11-15 e 51).

e ainda assim encontrar o prazer sensível nessa superficialidade, uma vez que só o sujeito é profundo, apenas ele é capaz de dotar o mundo de profundidade quando frui experimentando o mundo e suas possibilidades, reparando na sua complexidade. Manoel de Barros vai além da sua poesia, ele repara a complexidade da própria língua, ele aprecia e brinca com os elementos da linguagem como faz com o mundo em sua poesia.

Como criança, é possível ter deslumbramentos com os mistérios do mundo, brincar livremente com o inominado, compor-se com o princípio da vida, com tudo que inaugura o mundo. Por isso, a criança empresta sua voz ao poeta no exercício de “fazer nascimentos”. Interessa-lhe a linguagem da infância, sua afetividade, sua espontaneidade, suas figurações, suas metáforas e analogias, a gramática surreal com a qual cria casamentos inesperados entre imagens e sons – o que o poeta chama “delírio do verbo” e que os críticos denominam literariedade.

No que tange à poesia de Manoel de Barros, é possível dizer que ela é criada como se o poeta brincasse de escrever, ressignificando o mundo à sua volta e os elementos que compõem esse mundo, ele, como que dotado das habilidades de uma criança, ressignifica o seu microcosmo, conferindo diferentes habilidades a seres inanimados como quando fala de uma pedra, ele caracteriza a pedra como um ser dotado de vida que pode dialogar com um lagarto, como uma rã, com um pássaro, etc. O lúdico está presente nessa sua maneira de manusear as palavras e dar sentidos diferentes à narrativa, assim, o autor consegue com uma certa maestria, conduzir o leitor por diferentes vieses. Dessa forma, quem o lê e é capaz de assimilar sua poesia, adentra o campo da fruição, contudo, deve ter em mente que o poeta está trabalhando com o simbólico, e o adulto há de compreender que pedra não possui a faculdade da fala, assim como todos os demais seres com os quais o poeta dialoga em seu fazer poético. Nenhuma daquelas atribuições feitas por ele, aos elementos à sua volta, deve ser tomada por seus leitores, como algo sério, pois são apenas e tão-somente idealizações do poeta. O leitor, muitas vezes, pode se ver na pessoa do eu-lírico, pode revestir-se das características desse eu-lírico, sem no entanto, considerar real, o que está no campo da idealização de Manoel de Barros.

O fazer poético de Manoel de Barros é ornado de transgressões e composto por “estranhos devires” incorporando ao seu trabalho certa racionalidade onírica, surrealista ao

primeiro instante. Em toda a sua obra nos deparamos com o uso frequente de recursos metalinguísticos, empregados pelo autor com o propósito de discutir a própria criação artística, sendo capaz de fragmentar e recriar o universo. (SANTOS, 2016)

O artista deixa de ser visto como apenas e meramente um criador inspirado, para então ser percebido enquanto jogador que brinca com pedaços disponíveis de informação. Esta brincadeira é precisamente o que Vilém Flusser (2008, p.122) define por diálogo: troca de pedaços disponíveis de informação. O autor afirma que: “O método a que recorre o jogo não é o de uma inspiração qualquer, mas sim de um diálogo com os outros e consigo mesmo.” O mistério da criação é o mistério da liberdade, podendo o poeta enfrentar o mundo e, por vezes correr o risco de cair no inefável. Flusser conclui que as decisões livres são resultado de combinações extremamente complexas.

A imprevisibilidade é uma presença constante na obra de Barros, uma vez que não sabemos com que o poeta irá nos surpreender em cada um de seus versos. Ele pinta com palavras, o mundo à sua volta, evocando para si, o ofício de testemunhar a natureza e descrevê-la à sua maneira, e assim, temos diante de nós, a assimetria que resulta em perfeição, pois somos levados a adentrar o universo intrínseco do poeta.

Manoel de Barros opera com a “semente da palavra”, explora a língua em suas raízes, de forma que, para entender sua poesia, é preciso incorporá-la, optar pelo caminho da sensibilidade, feito pelo entendimento do corpo – assim mesmo como a criança percebe o mundo – e não pelo caminho da inteligência, porque seus arranjos poéticos são palavras-brinquedos, passíveis de manusear.

O ofício do poeta é tirar a língua de seu lugar comum e transportá-la para um lugar festivo de nascedouro, de onde possa brotar novos sentidos e diferentes arranjos, fazendo-nos reconhecer, assim, a literariedade presente e permanente em seu projeto estético.

Avançando para o início de todas as coisas, sua arte poética compõe-se com a magia da voz infantil, valorizando a percepção primeira: o primeiro olhar, o primeiro toque, o primeiro gesto, o primeiro cheiro, o conhecimento primeiro nascido dos sentidos, o olhar de fonte.

O poema intitulado “Caminho do Verão” mostra esse pensar abstrato do poeta que, movido por sua sensibilidade, descobre ser possível transcender fecundando uma nova ordem de coisas, como pode ser visto a seguir:

CAMINHO DO VERÃO

Eu vi uma pedra
Que era um sonho

Sonhado por uma árvore.
Eu vi uma árvore
Que era uma promessa
Feita por uma semente.
Eu vi uma semente
Que era uma vida
Parida por um fruto.
Eu vi um fruto
Que era um ventre
Recebendo o caminho do verão.

O autor explora no poema acima, a conexão entre diferentes elementos da natureza e a maneira como eles se relacionam para criar um ciclo de vida contínuo. A partir de imagens poéticas, ele nos convida a contemplar a complexidade e a beleza do mundo natural, sugerindo que cada elemento possui sua própria essência e contribui para a harmonia do todo. Essa abordagem poética permite ao leitor transcender a realidade imediata e vislumbrar uma nova ordem de coisas, onde a simplicidade e a profundidade se entrelaçam em um tecido de significado poético.

Manoel de Barros vai até a origem do ser para ouvir inexistências, para especular mundos até então não vividos. Nota-se que o poeta conhece bem o sentido de cada palavra, aprofunda bem em cada uma delas até a sua abstração total, sua essência em termos do seu próprio entendimento do que são, para só depois entrelaçá-las como em um colar com outras palavras, calculando a medida certa de cada uma junto da outra.

O poeta mato-grossense se encontra acima das palavras, ele pensa acima da máquina de escrever e não dentro dela, como diria Vilém Flusser (2008) ao falar do seu próprio processo de produção de textos. Isso significa dizer que há duas maneiras de imaginar, a primeira delas consiste na imaginação dentro da caixa, ou do teclado, que é o aparelho que usamos para conceber o texto - nele não vemos o mundo em si, o vemos a partir da lente da máquina de escrever, o que vemos deve se encaixar nas palavras, deve se reduzir a elas. E a segunda forma de imaginação é aquela que está sobre a máquina, por cima do teclado, aquela que vê o mundo, que o admira tal como ele é e escreve devaneios, ainda que a linguagem não seja capaz de concebê-los inteiramente.

Jogar com as palavras e até com o mundo dentro dos processos criativos é ter nas mãos as possibilidades de fazer existência, de combinar realidades e assim descobrir os objetos no mundo, descobrir o que são em relação a outros objetos, fazer conjecturas, analisar compatibilidade e os vislumbres que surgem de cada junção.

Essa técnica pode ser vista no poema que tem como título “Jubilação”, nele o autor aborda seu processo criativo, ou como trabalha com a palavra quando da composição de sua obra. Ele explica que as palavras têm faces como um cubo, oferecem todos os seus lados, mostra os seus flancos permitindo que ele brinque com cada um desses lados, como pode ser visto a seguir:

JUBILAÇÃO

Tenho gosto de lisonjear as palavras ao modo que o Padre Vieira lisonjeava.
Seria uma técnica literária do Vieira?
É visto que as palavras lisonjeadas se enverdeciam para ele.
Eu uso essa técnica.
Eu lisonjeio as palavras.
E elas até me inventam.
E elas se mostram faceiras para mim.
Na faceirice as palavras me oferecem todos os seus lados.
Então a gente sai a vadiar com elas por todos os cantos do idioma.
Ficamos a brincar brincadeiras e brincadeiras.
Porque a gente não queria informar acontecimentos.
Nem contar episódios.
Nem fazer histórias.
A gente só gostasse de fazer de conta.
De inventar as coisas que aumentassem o nada.
A gente não gostasse de fazer nada que não fosse de brinquedo.
Essas vadiagens pelos recantos do idioma seriam só para fazer jubilação com as palavras.
Tirar delas algum motivo de alegria.
Uma alegria de não informar nada de nada.
Seria qualquer coisa como a conversa no chão entre dois passarinhos a catar perninhas de moscas.
Qualquer coisa como jogar amarelinha nas calçadas.
Qualquer coisa como correr em cavalo de pau.
Essas coisas. Pura jubilação sem compromissos.
As palavras mais faceiras gostam de inventar travessuras.
Uma delas propôs que ficássemos de horizonte para os pássaros.
E os pássaros voariam sobre o nosso azul.
Eu tentei me horizontalizar às andorinhas.
E as palavras mais faceiras queriam se enlugarar sobre os rios.
Se ficassem prateadas sobre os rios falavam que os peixinhos viriam beijá-las.
A gente brincava no prateado das águas. A mais pura jubilação.

Percebemos no poema acima que o milagre da invenção acontece e que o brincar faz parte do processo criativo do autor. Barros retrata as palavras como entidades vivas, capazes de se soltar das superfícies planas das páginas datilografadas, impressas ou manuscritas para fazer como a lua faz com os rios. As palavras brincam com Manoel de Barros, ele as caracteriza como sendo travessas e afirma que elas é que o inventaram e que propõem mundos para ele, quando lhe propõem horizontes.

Já em “Invenção” há uma demonstração mais efetiva desse jogo de palavras que permite a ampliação do conhecimento. Nela se pode perceber que os elementos da poesia são individualidades perante o texto sem se desamarrar da totalidade. O autor evoca o ser das coisas de maneira tão inovadora ao tecer mundo-acaso dessas palavras com outras que comumente não seriam usadas, e que por isso, acabam por manter intacta a essência do objeto linguístico.

INVENÇÃO

Inventei um menino levado da breca para me ser.
Ele tinha um gosto elevado para chão.
De seu olhar vazava uma nobreza de árvore.
Tinha desapetite para obedecer a arrumação das coisas.
Passarinhos botavam primavera nas suas palavras.
Morava em maneira de pedra na aba de um morro.
O amanhecer fazia glória em seu estar.
Trabalhava sem tréguas como os pardais bicam as tardes.
Aprendeu a dialogar com as águas ainda que não soubesse nem as letras que uma palavra tem.
Contudo que soletrasse rãs melhor que mim!
Era beato de sapos.
Falava coisinhas seráficas para os sapos como se namorasse com eles.
De manhã pegava o regador e ia regar os peixes.
Achava arrulos antigos nas estradas abandonadas.
Havia um dom de traste atravessado nele.
Moscas botavam ovo no seu ornamento de trapo.
As garças pensavam que ele fosse árvore e faziam sobre ele suas brancas bostas.
Ele não estava nem aí para os esterco branco.
Porém o menino levado da breca ao fim me falou que ele não fora inventado
[por esse cara poeta
Porque fui eu que inventei ele.

Quando o autor diz da nobreza da árvore, do diálogo com a água, soletrar rãs, e ser possível regar os peixes tais combinações de palavras ou “calculus” causam tanta estranheza que a identidade do “ser” no elemento linguístico se sobrepõe, mostrando sua individualidade perante o todo. Em Manoel de Barros as palavras parecem ter autonomia para serem o que são, em todas as facetas do que são como foi visto anteriormente.

Manoel de Barros também fala sobre um despetite em obedecer a ordem das coisas, ou seja, sugere uma evasão daquilo que compreende como convencional. Sua obra reflete uma ruptura com a lógica tradicional e uma busca pela liberdade criativa, onde o poeta se permite explorar novas formas de expressão e significado. O ato de subverter a ordem natural das coisas, pode ser observado em diversos aspectos de sua escrita. Essa liberdade linguística permite ao poeta escapar das limitações do discurso normativo e incursionar por territórios poéticos até então inexplorados.

Ele atribui novos significados aos elementos naturais, conferindo-lhes uma dimensão simbólica e emotiva que transcende sua função literal. Sua obra representa uma busca incessante pela liberdade criativa e pela reinvenção do mundo por meio da poesia.

CAPÍTULO 2

A FRUIÇÃO EM MANOEL DE BARROS

“Um passarinho pediu a meu irmão para ser uma árvore. Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho. No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola.” (BARROS, 1993)

As obras de Manoel de Barros são profundamente enraizadas na natureza e na observação detalhada do mundo ao seu redor. O poeta brasileiro tinha uma sensibilidade única para os elementos naturais e uma habilidade extraordinária para expressar a beleza e a complexidade da natureza em suas palavras.

Suas obras celebram a simplicidade e a humildade dos elementos naturais, como pedras, folhas e pássaros, destacando sua beleza através de uma observação minuciosa e detalhada. Além disso, ele expressa um profundo respeito pela biodiversidade, abordando questões ambientais e ecológicas em sua poesia e refletindo sobre a conexão entre todas as formas de vida. Ao integrar-se com o ambiente natural em seus poemas, Manoel de Barros transcende as fronteiras entre o humano e o não humano, revelando a essência e a vitalidade da natureza de maneira única e inovadora.

Um dos exemplos que nos permite perceber a partir dessa celebração da simplicidade em que o poeta valoriza a humildade dos elementos da natureza e sua aparente insignificância, como uma pedra e uma folha, um lagarto, um pássaro, pode ser encontrada no poema “O fazedor de amanhecer” onde é possível notar a beleza encontrada nas coisas comuns da natureza, como a fome, o sono, o amanhecer, o anoitecer, sendo esses aspectos essenciais à vida.

As sensações que acompanham esses aspectos essenciais vistos no poema “O fazedor de amanhecer” evocam uma experiência sensorial que brinca com a natureza: a mesma pessoa que traz o anoitecer e o amanhecer, que acalenta, e também desperta, assim o autor evoca a sensação do sono. Essa mesma maneira detalhada e evocativa da experiência sensorial é vista no poema intitulado “Pois Pois”:

POIS POIS

O Padre Antônio Vieira pregava de encostar as orelhas na boca do bárbaro.
Que para ouvir as vozes do chão.
Que para ouvir a fala das águas.
Que para ouvir o silêncio das pedras.

Que para ouvir o crescimento das árvores.
E as origens do Ser. Pois Pois.
Bernardo da Mata nunca fez outra coisa
Que ouvir as vozes do chão
Que ouvir o perfume das cores
Que ver o silêncio das formas
E o formato dos cantos. Pois Pois.
Passei muitos anos a rabiscar, neste caderno, os escutamentos de Bernardo.
Ele via e ouvia inexistências.
Eu penso agora que esse Bernardo tem cacoete para poeta

O poeta fala sobre o perfume das cores, as vozes do chão, ver e ouvir a existência mostrando esse aspecto de sua poesia que valoriza o sensorial. Conhecemos um mundo através do sensorial e Manoel de Barros sabia disso melhor do que qualquer um, demonstrando em sua poesia um conhecimento transcendental das coisas. Os elementos são submetidos ao que os fenomenólogos como Edmund Husserl (1989) chamam de epoché, que é a suspensão do juízo crítico (DEPRAZ, 2011), quando a consciência alcança os objetos na sua essência e não mais pela redução categórica que os limita na objetividade.

Ao se desvincular das expectativas e normas sociais impostas, o sujeito poético é capaz de mergulhar em uma experiência mais profunda e significativa do ambiente natural, encontrando inspiração, serenidade e renovação espiritual.

Como pode ser visto no próprio poema “Pois Pois” de Manoel de Barros, além de haver esse elemento sensorial fundamental para a fruição há uma valorização da biodiversidade. Ao ler os poemas de Barros, somos transportados para um universo onde cada palavra, imagem e sensação são intensamente sentidos. As experiências sensoriais descritas nos poemas - os sons da natureza, as texturas do ambiente, os cheiros e sabores da terra - despertam nossos sentidos e nos convidam a explorar o mundo com uma nova perspectiva. A fruição surge assim como resultado dessa imersão sensorial, que pode ser entendida como um processo de imersão profunda no texto poético, resultando em uma experiência intensa para o leitor.

A despeito da fruição na poesia, o estudo "A Estética da Recepção e a Teoria do Efeito Estético", de Wolfgang Iser discute como a fruição da obra literária é influenciada pelas experiências individuais do leitor, que completa o texto por meio de suas interpretações e associações pessoais. A fruição, portanto, não é apenas a simples contemplação passiva da obra, mas sim um processo ativo de interação entre o leitor e o texto, onde novos significados e sensações são gerados, interações essas que são estimuladas pela poesia de Barros.

Desses estímulos provocados por Barros surge a consciência de um mundo lá fora e a consciência de uma realidade individual que se tem dos objetos e do mundo. Essa compreensão

subjetiva é chamada pelos fenomenólogos de Intuição³. A intuição é um modo de acesso à essência das coisas que se dá através do eu, é a autodescoberta da razão na presença inteligível dos objetos, a consciência de ser consciente.

A poesia de Barros desperta esse acesso às coisas por meio do que somos frente a elas, não apenas em termos sensoriais, mas em termos de fruição cultural e artística. O indivíduo pode experimentar o prazer, reflexão e até transformação pessoal por meio da fruição (BERGER, 2018; DEWEY, 2010), se em Barros o mundo é a obra a conexão íntima entre o sujeito e o mundo poderia ser capaz de dissolver as barreiras que separam o que o sujeito experimenta daquilo que o mundo é.

Em "O poeta é um ente desintegrado da natureza", um dos poemas de Manoel de Barros, é evidenciada a temática da interconexão com o ambiente natural como elemento central na reflexão sobre o processo de autoconhecimento e redescoberta, como pode ser visto a seguir:

O POETA É UM ENTE DESINTEGRADO DA NATUREZA

O poeta é um ente desintegrado da Natureza.
Ele se destina a ser um passarinho em sua alma.
E é com passarinho e árvore
Que ele melhor se entende.

O poeta se faz do que ele desvenda.
Ele se ocupa de imagens da Natureza
Com a mesma essência dos caramujos.

Ele é árvore.
E passarinho também.

Dele, fazem parte o poejo, o musgo, as águas.
Ele se interliga à Natureza, dele fazendo parte
Como semente na terra fofa.

Esse poema retrata a ideia de que o poeta está intrinsecamente ligado à natureza, sendo parte dela e compreendendo-a através de uma identificação profunda com os elementos naturais, a verdade sobre o mundo e seus objetos se torna intrínseca ao sujeito da experiência no mundo. A obra de Manoel de Barros por ser caracterizada pela constante busca por uma conexão profunda com o ambiente, não apenas o ecossistema, bem como pela valorização das pequenas e aparentemente insignificantes manifestações da natureza impele o leitor a apreciar plenamente a grandeza e essência do mundo.

³ Não confundir com o sentido convencional do termo.

Na poesia, Barros retrata o poeta como alguém que transcende as fronteiras entre o eu e o mundo exterior, fundindo-se com a natureza e absorvendo suas qualidades e energias. A linguagem poética é utilizada para descrever essa fusão, evocando imagens sensoriais e metafóricas que ressaltam a interdependência entre o ser humano e o universo natural, sendo o poeta um canal para a expressão da essência da natureza.

O poeta valoriza a biodiversidade em suas obras, a exemplo da poesia “O canto da Floresta” ressaltando a interconexão entre todos os elementos da floresta, destacando como cada criatura e planta contribuem para a harmonia do ecossistema.

O CANTO DA FLORESTA

Na floresta densa e verdejante,
Onde o sol se esconde entre as folhas,
E os pássaros tecem suas melodias,
Encontra-se a essência da vida.

Cada folha, cada galho, cada ser vivo,
É uma peça única desse quebra-cabeça chamado biodiversidade,
Uma sinfonia de formas, cores e sons,
Que enche o coração de admiração e encanto.

Do alto das árvores centenárias,
Até o solo fértil que sustenta a vida,
Cada elemento contribui para a harmonia do todo,
Em um ciclo interminável de renovação e crescimento.

Que possamos aprender com a sabedoria da floresta,
Valorizando cada criatura e cada planta,
Protegendo e preservando esse tesouro precioso,
Para as gerações futuras desfrutarem em toda sua plenitude.

Cada elemento – desde as árvores majestosas até os menores seres vivos – desempenha um papel vital na teia da vida. As árvores são descritas como "centenárias", sugerindo sua imponente e longevidade, enquanto os pássaros "tecem suas melodias", evocando a ideia de que a vida na floresta é uma sinfonia harmoniosa.

Manoel de Barros muitas vezes personifica elementos da natureza, atribuindo-lhes características humanas e narrativas. Por exemplo, em seus poemas, árvores podem suspirar, pássaros podem dialogar e o vento pode sussurrar segredos. Essa personificação contribui para a sensação de que todos os elementos da natureza estão vivos e interagem uns com os outros de maneira significativa.

O autor também celebra a unicidade e a igualdade de todos os seres vivos em suas obras. Para ele, uma pedra ou uma folha de grama têm tanto valor poético quanto um pássaro ou uma

flor, reconhecendo que cada elemento desempenha um papel essencial no funcionamento do mundo natural.

CAPÍTULO 3

MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS NO PANTANAL

“Tenho fome de me inventar. E de inventar o que não encontrei em lugar algum (...) Preciso de chão para plantar meus desassossegos. É urgente achar água neste deserto. Eu faço versos que não vêm de mim. (BARROS, 2004)

A obra de Manoel de Barros é um testemunho vivo da riqueza cultural e natural do Pantanal e do Centro-Oeste brasileiro, região que serviu de berço para sua poesia singular. Através de uma linguagem poética marcante, o poeta explorou de forma profunda os elementos regionais que moldaram sua identidade.

Os valores da tradição, o resgate da memória e a experiência no local de natureza são aspectos fundamentais do regionalismo na obra de Manoel de Barros. Eles se entrelaçam e se complementam refletindo a essência do Pantanal e do Centro-Oeste brasileiro.

Ao explorar a natureza local, o poeta revela não apenas a beleza física do ambiente, mas também sua profundidade espiritual e sua conexão com o ser humano. A valorização das tradições e da cultura regional mostrando como as histórias e os costumes das comunidades locais são inseparáveis da paisagem que as cerca.

O resgate de memórias e experiências pessoais confere uma dimensão íntima e autobiográfica à poesia de Barros que nos convida a mergulhar nas profundezas ricas do Pantanal e do Centro-Oeste brasileiro.

A resignificação do externo, vista no capítulo anterior, tinge o mundo com a vivência própria do autor e é estabilizada a partir da sua experiência com o passado, com sua infância e com sua terra natal. Na poesia de Manoel de Barros há um momento em que o poeta revela haver um reflexo do mundo dentro de si. Ele transporta para o seu âmago, o centro da gravidade de sua obra, e no santuário do seu eu interior, mostra que há mais do mundo que o cerca, mais desse mundo natural onde o autor nasceu, do que o oposto disso.

Essa relação do mundo em direção ao eu, modificando o eu, nutrindo a identidade, e conferindo ao autor, o devido senso de pertencimento, pode ser vista no poema “Memória Inventada” em que é descrita a definição da infância de Barros através dos elementos da natureza como a chuva, o mato, o brejo, as frutas de sua infância e os animais que dela participaram.

MEMÓRIA INVENTADA

Minha infância cheira a brejo e a mato.
Cheira a chuva e a vento nos varais.
Tem gosto de fruta mordida.
Tem a cor do mato e do brejo meio dourado.
Minha infância cheira a goiaba caída.
Cheira a manga pelo chão.
Cheira a coco na calçada.
Cheira a infância molhada de chuva.
Cheira a cheiro de sabiá.

A memória de sua infância se cristaliza através dos elementos do mundo externo, como se esse mundo da experiência empírica oferecesse cor ao *eu* do autor, diferente do que foi visto no capítulo anterior, em que o autor dá cor ao mundo através de sua obra. Essa fusão entre as experiências empíricas da infância e os elementos da natureza cria uma espécie de simbiose entre o eu lírico de Barros e o mundo ao seu redor.

Como pode ser visto em “*Memória Inventada*”, para Manoel de Barros, a natureza não é apenas um cenário onde as memórias da infância acontecem, mas é parte integrante da própria essência dessas lembranças. Os elementos naturais - como árvores, pássaros, rios e chuvas - não apenas compõem o ambiente físico onde as experiências ocorrem, como também desempenham um papel fundamental na formação de sua identidade. Observando mais a fundo o assunto central tratado nesse poema, percebemos uma certa ligação com o Romantismo, talvez surgida de uma inspiração, ainda que involuntária, pois, nota-se claramente, a idealização da infância, uma das principais características daquela Escola Literária.

Assim, o mundo externo se torna uma espécie de espelho para a alma de Manoel de Barros, dando cor, textura e significado às suas memórias e experiências. Através dessa fusão entre o mundo da experiência empírica e o mundo natural, o poeta encontra uma maneira de expressar sua relação íntima e visceral com a infância e com a terra que o viu nascer, criando uma poesia que transcende as fronteiras entre o homem e a natureza.

Outro exemplo está no poema “*Eu era menino feio*”, da obra *Memórias Inventadas: A Segunda Infância*, de Manoel de Barros, onde se pode observar uma clara manifestação da influência dos elementos do mundo externo e da natureza na construção da memória e da identidade do autor. O poema descreve a infância de Manoel de Barros em um ambiente marcado pela presença do rio, da mãe e de um flamboyant, elementos que se tornam fundamentais na formação de sua identidade.

Através de sua poesia, o autor resgata essas memórias e as transforma em matéria-prima para sua expressão artística, criando uma obra profundamente marcada pela interconexão entre o homem e o ambiente natural.

EU ERA MENINO FEIO

Eu era menino feio.
Minha mãe me amarrava na beira do rio para não me perder.
O rio era o mundo grande.
Ele corria por muitos caminhos.

A mãe disse que se eu ficasse preso no pé do flamboyant
E olhando o rio, eu podia crescer mais sem precisar ser bonito.
A gente só não podia era ser menino bobo.
Menino bobo é aquele que vira cavalo do rio.

A figura do rio assume um papel central na vida do eu lírico, sendo descrito como "o mundo grande" que corre por muitos caminhos. A mãe, por sua vez, representa a figura protetora que amarra o menino na beira do rio para que ele não se perca. Essa conexão com a natureza desde a infância é fundamental para a construção da identidade de Manoel de Barros, pois é por meio da interação com esses elementos que ele desenvolve uma percepção particular do mundo e de si mesmo.

A presença do flamboyant, uma árvore nativa do Brasil conhecida por sua beleza e exuberância, também é significativa. Ao mencionar que a mãe o amarrava no pé do flamboyant, o poema sugere uma ligação íntima entre o eu lírico e a natureza ao seu redor. Essa imersão nos elementos naturais durante a infância contribui para a formação de uma identidade enraizada na experiência empírica e na sensibilidade poética que caracterizam a obra de Manoel de Barros.

Esse mundo exterior que alimenta as memórias de Manoel de Barros e constroem sua identidade também é composto pelas exuberantes paisagens do Pantanal e sua deslumbrante biodiversidade que pode ser vista por exemplo na obra "O Livro sobre Nada" em que o autor afirma: "No Pantanal de Mato Grosso / As paisagens são pessoas."

Neste trecho, Manoel de Barros personifica o Pantanal, atribuindo-lhe características humanas e sugerindo uma relação de intimidade entre o ambiente e o eu lírico. Outro exemplo está em "Eu era menino feio", mencionada anteriormente neste mesmo capítulo, em que o poeta resgata lembranças de sua infância vivida no Pantanal, revelando como o ecossistema do Centro-Oeste cristaliza sua memória e consequentemente seu eu, uma vez que quando menino

o autor supostamente teria sido amarrado pela mãe à beira do rio no cenário do Pantanal, onde a presença do rio e da mãe do menino cria uma atmosfera de familiaridade e pertencimento.

Na obra "Retrato de Menino", o poeta descreve elementos característicos da flora e da fauna do Pantanal, atrelados à identificação do indivíduo pertencente à população local. No trecho a seguir, o poeta aborda características próprias do cotidiano pantaneiro, e como ele se relaciona com essas particularidades.

Ele é pica na espingarda.
Ele tem brotoeja.
Ele é feio.
Ele já tem calo de carregar chumbo de fundição.
E já sabe fazer uma espingarda.

São muitas as obras que nos dão exemplos de como Manoel de Barros se identifica com o ambiente do Pantanal em sua poesia, onde o poeta utiliza elementos e imagens desse ecossistema não só para expressar sua visão de mundo e sua relação íntima com a natureza, mas também para falar sobre si mesmo, sobre quem ele é, de onde ele vem, como o mundo, ao seu modo de ver, é feito, e sobretudo como esse mundo o faz. Uma obra que retrata isso é o poema intitulado “Um saber do Pantanal”, encontrado no *Compêndio para Uso dos Pássaros*:

UM SABER DE PANTANAL

Eu moro na beira do rio.
Sou do tamanho da sua água.
Se o rio transborda, meu olho também.
Quando o sol bate na água, o rio fica cheio de chama.
Se o vento varre a água, o rio se põe a tremer.
Quando o rio se vê em copas de árvore, meu coração se enche de pássaros.

Eu moro na beira do rio.
Sou um índio domesticado.
Eu moro na beira do rio.
Sou um homem no interior de um leão.

Neste poema, Manoel de Barros expressa sua identidade como parte integrante do Pantanal, personificando-se como um habitante do próprio rio. Ele descreve sua ligação profunda com o ambiente ribeirinho, associando-se às características e aos movimentos das águas. A metáfora de ser "do tamanho da sua água" sugere uma fusão entre o poeta e o rio, destacando a intimidade e a comunhão que ele sente com esse elemento natural. O poema também revela a influência da cultura e da mitologia pantaneiras na visão de mundo de Manoel de Barros. Ao se descrever como "um índio domesticado" e "um homem no interior de um

leão", o poeta evoca imagens simbólicas que remetem à rica tradição e à natureza selvagem dessa região.

CONCLUSÃO

A partir desse estudo, pode-se concluir que a criatividade artística não surge apenas de situações previsíveis e planejadas, mas também de um olhar atento para o mundo ao nosso redor. Aqueles que reconhecem o mundo como um milagre se tornam como Manoel de Barros, jogadores nesse jogo da criação artística, provocando eventos que desencadeiam sua inspiração, mais do que ser um simples poeta. Essa visão do mundo como um milagre, conforme descrito por Flusser (2008), implica em perceber a diversidade e complexidade dos objetos e eventos que nos cercam, e encontrar significado nas situações mais improváveis.

A obra de Manoel de Barros dá ênfase à singularidade de cada elemento da natureza retratado em seus versos, o que é importante não só para os processos criativos de sua poesia, mas para a própria percepção do mundo, como apontam os fenomenólogos, a exemplo de Sokolowski (2004), .

O conceito de mundo-acidente e milagre, conforme discutido por Flusser, ressalta a surpreendente diversidade e complexidade do mundo, onde diferentes elementos coexistem como parte de uma totalidade maior. Essa percepção nos leva a uma experiência enriquecedora de descoberta e imaginação, onde cada detalhe, por mais trivial que pareça, contribui para a riqueza e complexidade da existência. Assim, a criação artística se torna não apenas uma expressão de individualidade, mas também uma forma de explorar e compreender o mundo em toda a sua diversidade.

A imprevisibilidade é uma característica marcante na obra de Manoel de Barros, onde cada verso surpreende com sua assimetria que resulta em perfeição amórfica, onde a linguagem se torna um meio de expressão e exploração das múltiplas facetas da existência. Essa abordagem poética de Barros encontra eco na proposta dos poetas da Poesia Concreta, que também buscam redefinir a relação entre linguagem e poesia. A manipulação criativa da linguagem não apenas oferece novas experiências estéticas, mas também amplia o conhecimento do sentido das palavras, desafiando convenções e expandindo os horizontes da expressão poética.

As obras de Manoel de Barros refletem uma profunda conexão com a natureza e uma observação minuciosa do mundo ao seu redor. Sua poesia não se limita a simplesmente descrever a paisagem, mas mergulha profundamente na interconexão entre todas as formas de vida e na reflexão sobre questões ambientais e ecológicas.

Ao explorar as experiências sensoriais na poesia de Barros - os sons da natureza, as texturas do ambiente, os cheiros e sabores da terra - somos convidados a mergulhar em um

universo rico e envolvente, onde cada palavra e imagem nos transporta para uma nova dimensão sensorial. Essa imersão profunda no texto poético resulta em uma fruição intensa para o leitor, que não apenas contempla passivamente a obra, mas também interage ativamente com ela, gerando novos significados e sensações.

O fazer poético de Manoel de Barros se funde com a natureza, transcendendo as fronteiras entre o eu-lírico e o mundo exterior. A linguagem poética é usada para descrever essa fusão, evocando imagens sensoriais e metafóricas que destacam a interdependência entre o ser humano e o universo natural. Assim, o poeta se torna um canal para a expressão da essência da natureza, revelando sua beleza e mistério através das palavras.

A relação entre o autor e o mundo que o cerca é evidente, com o ambiente natural do Pantanal moldando e nutrindo sua identidade e senso de pertencimento. Elementos como a chuva, o mato, o brejo, as frutas da infância e os animais participam ativamente dessa construção identitária, cristalizando as memórias do poeta e dando cor ao seu eu.

Na poesia de Manoel de Barros, a natureza não é apenas um cenário onde as lembranças da infância acontecem, mas é uma parte intrínseca da própria essência dessas recordações. O mundo externo funciona como um espelho para a alma do autor, refletindo não apenas suas experiências passadas, mas também sua visão de mundo, sua relação íntima com a natureza e sua própria identidade.

Os valores da tradição, o resgate da memória e a experiência no local de natureza são aspectos cruciais do regionalismo presente na obra de Manoel de Barros. Esses elementos se entrelaçam e se complementam, refletindo a essência única do Pantanal.

Ao resgatar as lembranças de sua infância vivida no Pantanal, Manoel de Barros revela como o ecossistema do Centro-Oeste brasileiro influenciou profundamente sua memória e, por consequência, seu eu. Sua poesia não apenas expressa sua conexão com o ambiente natural, mas também fala sobre quem ele é, suas origens, suas crenças e como ele percebe o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rogério Eduardo. **Manoel de Barros, o poeta fazendeiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Orientadora: Profa. Dra. Iumna Maria Simon. Faculdade de Filosofia, letras e ciências humanas. São Paulo, 2005.

BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. **Por uma estética em língua de brincar: breves reflexões acerca da literatura de Manoel de Barros e de Mia Couto**. *Revista Atlântica*, São Paulo, USP, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, p. 81 – 100, 2008.

BARROS, Manoel de,. **Meu quintal é maior do que o mundo** [recurso eletrônico] / Manoel de Barros ; 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015. recurso digital Formato: epub

_____. **Poesia completa**. São Paulo, SP: Editora Leya, 2013.

_____. **Sobre o Viver: Inventário do Chão**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Alfaguara, 2004.

_____. **Compêndio para Uso dos Pássaros: Um saber de Pantanal**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Record, 2001.

_____. **O Livro das Ignorças: A rua onde eu morava**. São Paulo, SP. Editora Salamandra, 1996.

_____. **O Livro sobre Nada**. São Paulo, SP. Editora Salamandra, 1996.

Claro, aqui estão todas as referências no formato solicitado:

_____. **Gramática expositiva do chão: Poemas**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1996.

_____. **Ensaio fotográficos**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Casa da Palavra, 2001.

_____. **Retrato do Artista Quando Coisa**. São Paulo, SP: Editora Leya, 2012.

_____. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Leya, 1993.

_____. **Memórias inventadas: A terceira infância; Iluminuras de Martha Barros**. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1996.

CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz de. **A poética do fragmentário: uma leitura da poesia de Manoel de Barros**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

DEPRAZ, Nathalie. **Compreender Husserl**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010.

FLUSSER, Vilém. **Universo das imagens técnicas**. São Paulo: Annablume, 2008.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas: Sexta Investigação, elementos de uma enunciação fenomenológica do conhecimento**. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

ISER, Wolfgang. **A Estética da Recepção e a Teoria do Efeito Estético**. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Regionalismo**. in *Prosa de Ficção (de 1870 a 1920)*. Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1988.

SANTOS, Ana Claudia Veras. **Manoel de Barros e a poesia das coisas inúteis**. Revista *entrelaços*, v.1 nº8. Jul-Dez, 2016.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a Sabedoria de Vida**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.

VALÉRY, Paul. **Poesia e Pensamento Abstrato**. in *Variedades*. Iluminuras, São Paulo, 1999.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2004